A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Chegou S. Alteza. O que hontem era apenas uma promessa, converteu-se hoje n'um facto já consumado. S. Alteza chegou.

E não se cuide que ella veio de longes terras, contrariada e receiosa, inquieta e tremente, como a pequenina rola arrancada do ninho flacido ao caricioso amor materno por mãos desapiedadas e brutaes. Não se imagine que a sua vinda até nós importa um sacrificio aconselhado e imposto por altas conveniencias politicas, d'aquelles sacrificios que custam lagrimas amarissimas a quem os faz e dissipam n'um momento os sonhos mais gentis da florea mocidade.

A formosa descendente de Luiz Filippe não teve de curvar a sua esvelta cabeça diante de quaesquer imposições das realezas alliadas; não vio esmagada a sua vontade pelo «posso, quero e mando» da diplomacia astuciosa e calculista. Ninguem foi arrancal-a brutalmente á doce quietação do seu castello de França, para lhe impôr um companheiro desconhecido, muito outro do que ella sonhara, para lhe dar como patria uma terra estranha e longinqua, bem differente da sua querida patria.

A filha dos condes de Paris veio, porque lhe approuve vir, e, sobre tudo, veio porque amou, coisa rara entre reis e principes, caso esporadico entre essa grande familia de testas coroadas, no seio da qual se obedece mais ao rigor das etiquetas palacianas que aos impulsos do coração.

E' por isso que, desde a sua chegada, a temos visto risonha e contente, sem a preoccupação do futuro a traduzir-se-lhe na pallidez das faces e no bistre das olheiras doentias. E' por isso que ella saudou o Tejo festivo com o melhor dos seus sorrisos, e se abandonou descuidosamente ás caricias suaves d'este bello clima feiticeiro, sob o qual a esperavam um thalamo perfumado, uma alma gemea da sua, um peito amantissimo e uma primavera d'amor prodiga de formosos idyllios...

Houve tempo—e longe vae elle, felizmente—em que os reis e os principes casavam sem nunca se terem visto.

O COCHE DA COROA

O supremo ideal n'esses enlaces matrimoniaes, ou, para melhor dizermos, n'esses raptos legalisados pela sancção de duas nacionalidades especuladoras, era a realisação d'uma alliança vantajosa sob o ponto de vista politico. Os governos e os embaixadores, em guisa de velhas casamenteiras, encarregavam-se d'arranjar o negocio, procurando a noiva que mais convinha. A belleza phisica e a sympathia reciproca eram factores de somenos valia n'aquelles productos de calculos interesseiros. Servia-lhes uma princeza d'Austria? iam a Viena, estabeleciam-se as condições de dote e arrhas, e estava o consorcio feito. Impunha-se-lhes a necessidade imperiosa de chamar a si um principe prussiano? jornadeavam por esses paizes fóra, até Berlim, e o contracto nupcial ficava desde logo firmado.

Quando muito, as partes contratantes faziam a permuta dos seus retratos, quasi sempre favorecidos pelo pincel mercenario de qualquer artista bajulador e servil. Limitavam-se a isso os preliminares da união matrimonial; e em vez de trocarem, com as effigies adulteradas, duas missivas d'amor rescendendo aromas e affectuosidades madrigalescas, cambiavam duas folhas de pergaminho, grossas como escamas de cetaceo, onde a pragmatica epistolar palaciana mandara alinhar varios gatafunhos quasi illegiveis, phrases banaes dictadas pela severa etiqueta da côrte, sem a mais tenue scintillação d'espirito, sem o mais ligeiro reflexo de qualquer sentimento muito intimo e muito profundo.

D'ahi a mezes ou a dias, sem a exacta comprehensão do que iam fazer, aproximavam-se nas fronteiras, ella receiosa e tremula, elle pouco affectuoso e expansivo, ambos cabisbaixos e soturnos. Atiravam-os para os braços um do outro, como quem atira com um pedaço de gelo sobre um montão de carne morta, e diziam-lhes que procreassem a especie para não se extinguir a raça.

A vantajosa alliança ficava feita d'este modo, e era o que importava saber. Tudo o mais era secundario. Se a noiva desconhecida, que chegara, não realisava o ideal sonhado pelo noivo expectante, ou se o retrato do esposo promettido, que viera, se parecia tanto com o original como o Apollo de Belvedere se parece com o sr. Carlos Bento, paciencia. Os pobres desilludidos nem sequer tinham o direito de reconsiderar e de fugir a uma lua de mel ensombrada de nuvens carrancudas. Era um escandalo que provocaria conflictos internacionaes medonhos.

E assim casavam, n'outras eras, principes e soberanos. E assim se desfaziam, ao sabor de altissimas conveniencias politicas, tantas chimeras doces e gentis, tantas illusões douradas e formosas!

De vez em quando levava-se o prurido casamenteiro até ao cumulo estupendo de ligar matrimonialmente homens viris e barbudos a creanças franzinas mal sahidas das faixas infantis.

Foi d'esta sorte que a infanta D. Beatriz era, aos onze annos incompletos, esposa de D. João I de Castella. Um horror!

Hoje, mercê de Deus, os processos matrimoniaes entre personagens de estirpe real são muito outros. Casa-se mais democraticamente, mais experimentalmente, pautando esses consorcios pelas leis do amor. Não se recebe ás cegas uma esposa ou um marido. Em materia de nupcias, ninguem executa já o mandato imperativo das potencias e das nacionalidades, sem ter consultado primeiro o coração. Viaja, procura, pesquiza, até encontrar quem accenda n'elle o fogo d'uma paixão verdadeiramente sentida; sonda logo depois se o estremecem com egual affecto, e constroe, por fim, n'essas bases solidas e seguras, o edificio rendilhado da sua felicidade futura, importando-lhe bem pouco saber se a alliança agradou aos outros, para só se lembrar de que lhe agradou a si.

Foi sob estes auspicios e seguindo estes processos que o principe D. Carlos descobriu na formosa ville d'Eu a sua gentilissima companheira, a distincta e adoravel creatura que para elle havia nascido e que para elle vae viver expandindo-se em ternuras e affectos de esposa. Ninguem lh'a impoz, como ninguem, tambem, a forçou a aceitar-lhe a mão e o thalamo. Encontraram-se ambos em um dia de plena primavera, no mez das rosas e do amor, quando as andorinhas noivavam alegremente pelos beiraes dos telhados. Trocaram flores, permutaram sorrisos, photographaram-se na mesma chapa, caçaram em correrias vertiginosas nos mesmos bosques, segredaram promessas, e amaram-se como dois pombos. A sympathia reciproca apressou o hymeneo e o hymeneo ahi acaba de realisar-se agora com extraordinaria pompa, por entre uma loucura de bailes, de banquetes festivos, de illuminações feericas, de paradas deslumbrantes e de fogos d'artificio espaventosos.

Uma coisa merece ser attentamente observada na realisação dos ruidosos festejos com que teem sido celebrados estes risonhos esponsaes d'amor: é a doce alegria expansiva do nosso povo, a corrente de vivido enthusiasmo que o agita e lhe sacode os nervos. Dir-se-ia que o paiz inteiro noiva tambem, de camaradagem com os dois principes encantadores, tal é o jubilo que o domina e rejuvenesce.

Embora pobre, não regateia os gastos da festa. Corre a tomar parte n'ella, de bolsa aberta e sorriso nos labios, sem querer saber quanto se gastou em foguetes e palanques.

Amanhã, depois de queimada no Tejo a ultima peça do fogo de James Pain, e apagadas as ultimas luminarias nos arruamentos da capital, o nosso bondoso povo voltará aos seus penates talvez mais pobre do que nunca, mas haveis de ver que não solta uma queixa.

E' que elle sabe ser sempre bizarro e digno no meio da sua miseria. Diante das potencias estrangeiras que nos espreitam pelos olhos dos seus embaixadores e representantes, não quer deslustrar, com um só acto de sordidez e de descortezia, as gloriosas tradições do velho Portugal fidalgo.

Permitta-se-nos pois que a Chronica, prestando hoje a homenagem do seu respeito á futura rainha Amelia de Orléans, envolva n'essa homenagem o povo que tão dignamente soube acolhel-a.

E, posto isto, corramos a ver o final das festas.

C. Dantas.

N'UM ALBUM

Tu pedes-me que escreva aqui, entre primores,
Uma canção d'amor, tão viva e tão vermelha,
Que vá n'este *bouquet* de alvas e finas flores
Cantar como inquieta e sussurrante abelha.

Meu Deus! não póde ser; bem vês que estou de luto,
A alegre rapariga, a minha muza etherea;
Foi hoje a enterrar! Meus versos inda escuto
Seguindo-a a soluçar uma canção funerea!

Coelho de Carvalho.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

MONITOR PORTUGUEZ

Conhecem Cesar de Noronha? E um homem de meia estatura, magro, de cara chupada e trigueiro, de palavra abundante e engraçada por vezes, que tem tido toda a sua vida a mania de se roçar pelo jornalismo, não sei se com fortuna se sem ella, mas pelo menos com actividade e desembaraço.

Em tempos que já lá vão, e que são anteriores pelo menos aos meus tempos historicos, Cesar de Noronha fundou um jornal de theatros escripto em Francez e intitulado o *Lutin*. Nada sei a respeito d'esse jornal, porque ao tempo da sua existencia supponho que andava eu aprendendo francez pela grammatica de Lhoucont, e o meu digno professor, Marcos Dalhunty, tinha-se esquecido completamente de substituir o Noel e Laplace pelo *Lutin* de Cesar de Noronha.

E creio que ainda assim estou commettendo um erro de data. Vou desconfiando de que o *Lutin* ainda era anterior a essa epoca. Cesar de Noronha, alli onde o vêem, se por acaso o conhecem, deve ter pouco mais ou menos a edade do nosso chistoso actor Silva Pereira, que é, como todos sabem, da edade de Mathusalem.

Conheci Cesar de Noronha n'uma occasião em que elle andava revolucionando o bairro de Santa Isabel, e na minha qualidade de rapazola e de sargento aspirante, fui um dos sustentaculos da sua insurreição. Tratava-se, nem mais nem menos, que do seguinte: de conseguir que o passeio da Estrella fosse illuminado á noite. N'esse tempo começará a illuminar-se á noite o Passeio Publico, que Deus haja, e nós, a cidade alta, entendiamos que tambem deviamos ter a nossa autonomia. Quem prégou essas doutrinas sagradas foi Cesar de Noronha.

Fez proselytos em toda a parte, e, por intermedio de um dos meus amigos, contribui com uma moeda de cinco tostões para o exito do movimento. Nunca houve insurreição mais barata.

Cesar de Noronha encontrou-me no Passeio da Estrella, soube que eu era um dos seus fieis, declarou que estimava immenso conhecer-me, que eu era um rapaz de futuro porque comprehendia as idéas grandes e não hesitava em sacrificar cinco tostões á victoria d'essas idéas, tratou-me logo por tu, e ficámos logo os melhores amigos d'este mundo. Elle nem sabia o meu nome, mas fossem-lhe lá dizer que não era eu um dos seus cincoenta mil melhores amigos!

O motivo d'esta contribuição de presos, em que eu entrára com a quota de cinco tostões, era o seguinte: A camara não queria gastar cinco réis com a illuminação. Foi necessario fornecer os fundos. Depois, houve ainda não sei já que difficuldades com relação á musica. Parece que os edis d'esse tempo nem queriam consentir que a musica alli entrasse depois das 7 horas da noite. Cesar de Noronha, que não recuava diante das difficuldades, foi ter com o conde de Paraty, hoje fallecido, e cujos jardins confinavam com o passeio da Estrella, e com elle combinou um estratagema. O que é certo é que, ao cair da noite, passeiavamos no jardim da Estrella, deplorando a ausencia da musica, quando de subito sentimos os sons melodiosos das fagotes e dos trombones.

Era a musica do 16, então a banda marcial da moda, que se installára, como costumamos dizer á franceza, n'um mirante da quinta do conde de Paraty, e que de lá nos enviava as suas melodias, com grande escandalo da edilidade lisbonense, e grande gaudio dos insurgentes.

Afinal de contas a idéa não vingou. Em primeiro logar houve sempre má vontade, em segundo logar veiu a reconhecer-se que o passeio da Estrella tinha tantos escaninhos, e tantas preciosas sombras onde não ousava penetrar a luz discreta do gaz, que se estava prestando a ser theatro de idyllios ligeiramente incorrectos. Assevera-se mesmo que varios cysnes, que os passeiantes julgavam adormecidos, suspiraram melancholicamente ao presencearem scenas que lhes recordavam os tempos poeticos, em que um dos reus, abrigando por baixo da sua alva plumagem o pae dos deuses, tivera com a formosissima Leda um colloquio de que resultou Helena, e por conseguinte a perdição de Troia. Das scenas a que elles assistiam agora; não resultou coisa nenhuma d'essas, mas em todo o caso resultou a perda da autonomia do bairro de Santa Izabel. Os que quizeram ouvir musica á noite, ao ar livre, tiveram de ir encurralar-se n'aquelle Passeio Publico, que Deus tenha em bom logar, para que não faça empenho de voltar a Lisboa.

Eis o principio das nossas relações.

Correram talvez uns dois ou tres annos, até que um dia Cesar de Noronha lembrou-se de fundar um jornal de grande formato, intitulado o *Monitor Portuguez*. Era hebdomadario. Antes de se publicar o segundo numero appareceu Cesar de Noronha em minha casa. Pouco antes inaugurara eu na *Gazeta de Portugal* as minhas revistas semanaes. Queria tambem um folhetim, e, como eu não pensava senão em escrever, dei-lhe logo o folhetim. Era um romancito a que eu déra o nome de *Amor fatal*.

Um dia, porém, e redacção do *Monitor Portuguez* começou a fraquejar sensivelmente. Cesar de Noronha não era positivamente um capitalista; o publico, a fallar a verdade, não lhe assaltava todos os dias o escriptorio, a pedir assignaturas, e o seu corpo de redactores não podia ser por conseguinte muito numeroso. Eu estava em plena exuberancia da minha mania de escripter, e Cesar de Noronha aproveitou-a.

Um dia recorda-me de ter lá ido ver os jornaes estrangeiros, e era por esse traço que Cesar de Noronha me apanhara. Franqueava-m'os todos, e depois, passeiando na sala, e coçando na cabeça, dizia-me:

—Homem, tu é que me podias fazer um favor.

—O que é?

—Porque não fazes tu a Revista estrangeira? Estás ahi a ler tudo: F. que a devia fazer, ainda a não mandou. O jornal tem de entrar no prélo. Não te custava nada.

—Vá lá.

E fazia a Revista estrangeira.

Depois, uma carta de modas, feita por mim, que nunca fui capaz de distinguir uma capa de uma mantilha! Tambem as leitoras, em estylo e considerações vagas, apanhavam e do melhor que eu podia fazer, mas em descripção de *toilettes*, se se regularam pelas minhas indicações, estiveram servidas!

Depois, um artigo de bellas-artes, a respeito de uma exposição, que a Sociedade Promotora das Bellas-Artes acabava de fazer, e que eu não vira; mas Cesar de Noronha fornecia tudo apontamentos, papel, tinta, e prestava-se até a servir de secretario, se eu quizesse dictar; mas foi coisa que eu nunca soube fazer, tenho um pouco a inspiração do bico da penna.

Depois, o artigo de fundo. O redactor politico tambem faltára. Eu não sabia quem eram os ministros, mas em todo o caso lá foi. Apanharam uma tareia que se consolaram.

E o noticiario. Cesar de Noronha, já se vê, dava sempre os apontamentos... e pouco mais, não por falta de vontade, mas porque *nemo dat quod non habet*, e o cofre do *Monitor Portuguez* estava n'esse tempo a pedir chuva.

Folhetim em francez. Cesar de Noronha, lembrando-se das suas glorias do *Lutin*, queria por força que eu escrevesse n'essa lingua.

Atirei-me aos mares. Eu e os compositores inventámos uma lingua, que em Paris devia fazer o effeito de um dialecto africano. Comtudo, uns jornaes francezes, querendo ser agradaveis parece-me que a madame Dévriés, mãe da Desdemona que nós todos ultimamente applaudimos, e que viera cantar a Lisboa a *Semiramis*, parece-me, transcreveu um trecho de um d'esses folhetins, chamando-me *notre compatriote des bords du Tage!* Imaginem como eu fiquei inchado!

Emfim, ao terminar, tendo feito o jornal todo—Cesar de Noronha ahi está vivo e são para o affirmar—arrastado pela velocidade adquirida, voltei-me, de caneta em punho, para Cesar de Noronha, e disse-lhe energicamente:

—Queres um artigo de cosinha?

—Não! disse-me elle generosamente. Por hoje basta.

Sentia-me capaz de rivalisar com o Matta, de explicar aos leitores todos os mysterios da arte culinaria. Pois eu não lhes explicára *modas*, tendo o atrevimento, demais a mais, de assignar as minhas chronicas de *toilette* com um nome feminino. Seguia o exemplo de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. O grande escriptor assignava com o pseudonymo de *Christina de Avellar Calheiros* umas cartas de modas na *Gazeta de Portugal*, mas elle sabia alguma coisa d'isso. Não era hospede n'essas questões de *toilette*, e não dava por conseguinte tantas raias, como dava provavelmente a pobre D. Margarida não sei de que, pseudonymo que eu escolhera para as minhas chronicas.

Teixeira de Vasconcellos deu cavaco, porém, com uma coisa. Eu tivera a petulancia de lhe dirigir as cartas a ella. Margarida escrevia á sua amiga Christina, e supponho que lhe dizia enormidades.

—Que diabo!... dizia-me D. Christina de Avellar Calheiros accendendo lentamente um charuto. Você ou a tal Mar... Margarida ainda a... pa... panha uma troça de primeira ordem.

—Venha de lá! dizia eu a rir. Polemica de senhoras! Verá o que eu lhe digo. Teixeira de Vasconcellos desatou a rir, e nunca mais se referiu ao assumpto.

Tencionava contar uma historia curiosa, a historia de um jornal que não existe. Ficará isso para o proximo artigo.

PINHEIRO CHAGAS.

A MORTE D'UM MARTYR

A Luiz Guimarães.

I

O pequenino pagem, cubiçoso,
erguera os olhos seus para a princeza...
Porém, não recebera da afoiteza
nem sequer um olhar esperançoso...

Soluçava... e as lagrimas, em fio,
dos olhos lhe desciam pelo rosto...
— ..E definhava assim, sob o desgosto
d'aquelle amor funesto e tão sombrio.

Certa noite, um capricho da paixão
fez com que elle, ás escuras—que ousadia!—
atravessasse a vasta galeria,

e que de uma das portas do salão,
á do quarto da amada, até ser dia,
estivesse d itado como um cão...

II

El rei soube e chamou-o; duramente,
d'elle exigiu a confissão do crime;
e o pagem pequenino, abertamente,
lhe confessou aquelle amor sublime!

Furioso, o senhor mandou matal-o,
mas do modo mais barbaro e cruel:
—«Que o amarrem á cauda d'um cavallo!»—
...E o pagem no amor sempre fiel...

A princeza, do cimo do castello,
olhava com desdem o desgraçado,
que a sorrir encarava tal flagello...

Quando o animal partiu, vertiginoso,
foi que elle disse então, arrebatado:
—«Amo-te! Adeus! ó anjo meu formoso!»

(Da *Religião do Amor*). AUGUSTO DE LACERDA.

CONTOS DA CAROCHINHA

Os tres vestidos

I

Não obstante a filha do rei contar apenas 15 annos, não deixava por isso de pensar no prazer que lhe offereceria o amor de um principe bem parecido.

Uma manhã, na occasião em que as aias alisavam com um pente de oiro os seus formosos cabellos abundantes e setinosos, a princeza disse que desejava casar-se

A fada Holda, madrinha de Sua Alteza, achou natural esse desejo. As portas do quarto abriram-se por arte magica, e a boa fada entrou risonha e pomposamente vestida. Atraz d'ella caminhavam seis pretinhos, conduzindo seis cofres de uma admiravel belleza artistica: o primeiro de prata oxidada, o segundo de oiro, o terceiro de pedrarias.

—Bom dia, minha afilhada.

—Bom dia, madrinha!

—Diga-me, é certo que quer casar?

—Certissimo, se encontrasse um marido tal qual o fantasio, similhante a um joven principe que me apparece algumas vezes em sonhos.

—Descreva-me esse principe!

—Encantador, vestido com extraordinaria magnificencia!

—Todos os filhos dos reis vestem ricamente.

—Um rosto adoravel, labios frescos e rosados como uma rosa orvalhada.

—Quasi todos os principes teem a bôca bonita.

—Olhos azues, com uma expressão tão suave, que ao fital-os, imagina a gente ver o céo atravez de duas saphiras diaphanas.

—Oh! exclamou a fada, não é facil achar outros olhos iguaes a esses. Felizmente, como eu sou boa, e não quero expol-a a arrepender-se de uma escolha irreflectida, permittir-lhe-hei que case tres vezes.

Só por uma grande fatalidade poderia succeder lhe que entre os tres maridos não houvesse aquelle que lhe conviesse.

—Tres maridos? retorquiu a princeza, corando.

—Em tres epocas successivas, convenientemente distanciadas. De resto, se todos estes casamentos lhe são permittidos, não se segue que lhe sejam impostos. Nada obstará a que a minha afilhada se contente com o primeiro. Mas emfim, pode, querendo, fazer varias experiencias; e eis ahi porque lhe trouxe estes tres cofres; no primeiro, de prata, ha um vestido de setim branco e rendas, destinado ás suas primeiras nupcias; no segundo, de oiro, encontrará uma toilette côr do sol e das estrellas, que é a escolhida para o segundo hymeneu; o vestido das terceiras nupcias, —o mais bonito dos tres, está fechado no ultimo cofre de pedraria.

II

Decorrido algum tempo, o sobrinho do imperador de Golconda veio á côrte de Mataquin pedir a mão da filha do rei, cuja belleza era fallada em todos os paizes da terra.

Nunca fôra dado a ninguem ver um principe tão opulentamente trajado, como aquelle! Em cima dos setins que pareciam tecidos de neve luminosa, sobre as rendas leves e rosadas como nuvens auroraes, serpiavam arabescos de perolas, rubis, carbunculos que se entrelaçavam em uma florescencia de chammas.

A princeza, deslumbrada, acceitou sem hesitar o sobrinho do imperador de Golconda.

A filha do rei Mataquin, tirou do cofre de prata oxidada o vestido de setim branco e rendas, e, felicissima, adornou-se para a ceremonia nupcial.

Não tardou, porém, que a princeza notasse, que um fato rico, a despeito do seu esplendor, nem por isso dispensa outro genero de attractivos. Seu marido, quando se levantava de manhã, embrulhado no chambre, não tinha a menor similhança com o joven principe que a princeza vira em sonhos. Nem os labios frescos, nem os olhos ternos, profundos e suaves como o ceu.

A filha do rei Mataquin caiu em uma grande tristeza, até que por fim fechava-se todos os dias no seu quarto, derramando abundantes lagrimas.

Foi, por conseguinte, com enorme sacrificio que a princeza conseguiu apparentar uma dor ficticia, no dia em que vieram participar-lhe que seu marido, o sobrinho do imperador de Golconda, que era um caçador destemido, tinha sido devorado pelos leões.

III

Seis mezes depois, quando os crepes da viuvez começavam a parecer-lhe negros demais, a princeza sentiu-se commovida ao aspecto de um cavalleiro que acabava de chegar á côrte, depois de ter vencido em um torneio os mais valorosos combatentes. Não só este fidalgo ostentava um soberbo vestuario, como tinha no rosto fresco e juvenil uma bôca rosada como uma rosa perlada de orvalho.

A princeza não cabia em si de contente, logo que soube que o cavalleiro aspirava á posse da sua mão. Concedeu sem demora a auctorisação sollicitada.

Tirou do cofre de oiro o vestido côr do sol e das estrellas, e preparou-se, encantada, para a ceremonia.

—Mas não tardou o momento em que a princeza descobriu, —a despeito da doçura dos beijos—, que não basta vestir bem e possuir uma bôca fresca como as flores para fazer a ventura de uma mulher tão exigente como ella.

Não, esse marido ainda não era aquelle que lhe apparecera em sonhos; não tinha os suaves olhos azues similhantes a saphiras diaphanas! A princeza soffria de dia e de noite, deplorando a sua triste sorte; e tanto que lhe foi necessario empregar toda a sua sciencia dos usos e conveniencias sociaes, para não desatar a rir, quando vieram dizer lhe que o cavalleiro, que era brigão e espadachim incorrigivel, tinha succumbido ás mãos de um mau genio, em um bosque encantado.

IV

Passou-se um anno, sem que a princeza pensasse em contrahir novo enlace: as duas primeiras experiencias tinham-lhe roubado o desejo de emprehender terceira.

A filha do rei Mataquin dizia a si mesma, que não encontraria nunca o esposo egual ao ente chimerico de que se enamorára: e scismava, absorta em pensamentos melancolicos.

Uma tarde em que a princeza passeava em uma avenida do parque real, viu approximar-se por entre as meias tintas do crepusculo, um mancebo mais formoso do que todos os homens.

Seria um mortal, ou algum anjo baixado do paraizo? O mancebo parecia vestido da luz das estrellas: a sua bôca era similhante a uma rosa, mas a uma rosa tão bonita como não poderia haver outra na terra, e quando se abeirou da princeza, no seu olhar azul, profundo e infinito, fulgiu uma tal doçura, que a filha do rei julgou vêr o céo atravez de duas saphiras diaphanas.

Ah! d'essa vez era certo, a princeza descobrira afinal o esposo ambicionado, a realidade dos seus radiosos sonhos! E quando elle lhe disse, com uma voz mais harmoniosa do que o suspiro do vento nas folhagens:—«Quer ser minha mulher, bella princeza?»—a filha do rei sentiu uma tão deliciosa commoção, que julgou morrer de ventura.

No dia da ceremonia nupcial, a princeza abriu o ultimo cofre (que era todo cravejado de pedrarias), esperando ahi encontrar o vestido do terceiro hymeneu, o mais bello de todos

Mas no cofre havia um estranho vestido, um funebre vestido destinado a amortalhar um morto!

Então a princeza desatou a chorar, comprehendendo que chegara a sua ultima hora. Ferida de um mal repentino, a filha do rei Mataquin expirou antes do fim do dia. Envolveram-a na mortalha e deitaram-a no cofre das pedrarias. E uma voz murmurou á beira do cadaver da infeliz:

—Ninguem póde encontrar na terra a realisação dos sonhos;

GUILHERME GOMES FERNANDES

(COMMANDANTE DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO)

não é no mundo que as princezas desposam principes que possuem, simultaneamente, fatos opulentos, labios eguaes ás flores, e olhos onde se espelha o azul do céo!

CATULLE MENDÈS.

A VILLAFRANCADA

(EXCERPO DE UM LIVRO INEDITO)

A 31 de maio, D. João VI proclamou de Villa Franca, dizendo que nunca desejára o poder absoluto, e promettendo garantir as liberdades do povo «por um modo que, segurando a dignidade da corôa, respeitasse e mantivesse os direitos dos cidadãos.»

O congresso ficará boquiaberto. Elle, que tão corajoso se mostrára no principio da revolução, chegando o deputado Serpa Pinto a propôr que se fizessem as sessões em pleno Terreiro do Paço, contentara-se agora com protestar e dispersar-se. Muitos deputados sahiam para o estrangeiro: entre elles José Ferreira Borges, que escrevera uma attenciosa carta ao rei, recommendando-lhe um irmão.

José da Silva Carvalho, um dos ministros exonerados no dia 28, tambem sahiu no paquete com a sua familia.

Quando D. João VI entrava em Villa Franca com suas filhas, chegava do Cartaxo o infante que, logo que avistou o rei, se apeiou, e tirando a espada, a entregou em mão. Houve então uma scena de ternura, de effusão affectuosa. O rei levantou-se como poude, e abraçou D. Miguel. As infantas fizeram outro tanto. As tropas e o povo applaudiam enthusiasticamente. Os foguetes estrallejavam no ar. Sobre o Tejo, barcos empavesados, conduzindo gente que ia de Lisboa, soltavam ao vento as suas flammulas azues e encarnadas. Entre os romeiros de Villa Franca appareceu tambem o general Sepulveda, mas foi mandado retirar.

A restauração estava feita, e Villa Franca fôra o seu theatro, —«Villa Franca, a que foi Xira, diz Garrett nas *Viagens*, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira...»

Estas mudanças de nomenclatura dão por si só a medida das fluctuações politicas d'aquelle tempo.

D. João VI organisára ministerio mesmo em Villa Franca, nomeou D. Miguel commandante em chefe do exercito, reintegrou nos seus direitos civis e politicos a rainha; mandou levantar o sequestro feito aos bens do conde de Amarante e de todas as pessoas que o seguiram; ordenou que fossem soltos os presos politicos, etc.

Era a remuneração dos serviços recebidos. A mutação fôra completa e rapida.

No dia 3 de junho chegaram a Lisboa as tropas que regressavam de Villa Franca: entraram na capital em tres columnas, dirigindo-se a primeira ás côrtes, a segunda ao centro da cidade e a terceira ao Castello. Um official fechára nas Necessidades a porta da casa onde as côrtes haviam funccionado. Em vez de pôr escriptos como Cromwell, guardára as chaves.

O povo saudára com phrenetico enthusiasmo a chegada das tropas, e dormira por certo mal a noite, ancioso de ver chegar o rei e o infante.

D. João VI, D. Miguel e as infantas regressaram effectivamente no dia seguinte. Desde pela manhã que a população estava delirante. D. Carlota Joaquina era objecto de uma peregrinação de tal modo numerosa, que a camara municipal, que se dirigia em seges para Arroyos, teve que retroceder, por não poder romper atravez da agglomeração de povo e vehiculos.

Retrocedendo, dirigiu-se para a Sé, onde se devia cantar um *Te-Deum*; ahi esperou pelo rei.

A tropa formara alas pela rua do Ouro, Rocio, até á Bemposta.

Finalmente, o Castello e as fortalezas salvaram. Os vencedores chegavam. A celeuma festiva da multidão atroava os ares.

No cortejo triumphal de D. João VI avultavam dois cavalleiros por egual elegantes e gentis: eram o infante D. Miguel, moço de vinte e um annos, o melhor pé de estribo que tinha dado á casa de Bragança; e Saldanha, em toda a pujança dos trinta e tres annos, já brigadeiro.

D. Miguel era, porém, o heroe da revolução, que voltava coroado de louros. As tropas acclamavam-n'o, a multidão adorava-o. Os olhares femininos incidiam sobre elle, como flechas n'um alvo. Guapo, esbelto, cavalleiro eximio, *sportman* e toureiro, aventuroso tanto na politica como no amor, que mais era preciso para fazer fanatismo, para causar delirio?

O triumpho fôra completo para D. João VI, e para o infante. No sitio dos Anjos, d'ahi até á Sé, e da Sé até á Bemposta, alguns officiaes tiraram as muares da carruagem real, e puxaram-n'a elles. A *Gazeta* publicara-lhes os nomes laudatoriamente: eram quarenta e quatro. Um, que se julgou desconsiderado por omissão, reclamou.

Os liberaes vingaram-se com uma *blague*, fazendo annunciar na *Gazeta*, sem que se soubesse como, «que se iam vender as parelhas que haviam puxado pela carruagem d'el-rei, na sua vinda de Villa Franca; e que quem as quizesse comprar, as acharia á venda ou em Belem, ou no campo de Sant'Anna.»

O rei, em memoria da *Villa-francada*, mandára cunhar duas medalhas: uma, destinada ao norte do paiz, dizia:—*Hero ca fidelidade transmontana*; outra, sobrescriptada directamente para os revolucionarios de Villa Franca, inscrevia esta legenda: *Fidelidade ao rei e á patria*. Era a *medalha da poeira*, boquejavam os liberaes.

No Rocio estava-se levantando o monumento que devia commemorar o inicio do regimen constitucional. Os vencedores de Villa Franca foram-se a elle, e derrubaram-n'o.

Nas provincias cantaram-se *Te-Deums*, houve bailes e *oiteiros*; luminarias, foguetes, repiques.

Uma correspondencia do Porto, publicada na *Trombeta Luzitana*, conta como os presos politicos foram solemnemente postos em liberdade. As tropas de linha formaram alas desde a cadeia da Relação até aos Paços do Concelho. Ahi, logo que os presos entraram, foram saudados delirantemente, acclamados e abraçados. O mesmo succedera durante o percurso. E' um dos presos que escreve. Diz elle, textualmente, que foram applaudidos em geral e particular, *sendo que o sr. Coixo, por ir no seu palanquim, e por isso desafiar mais a attenção, foi o melhor quinhoeiro.*

Uma verdadeira procissão de triumpho, a que nem siquer faltou o andor.

As luminarias e os foguetes entraram em moda.

No dia de S. João chegou a Lisboa o conde de Amarante com a divisão transmontana: novo delirio. Mais foguetes e mais luminarias. D. João VI apertava nos braços o conde, e chorava de alegria.

D. Miguel, commandante em chefe do exercito, admittido, por decreto real, ao despacho do ministro da guerra sempre que se tratasse de resolver importantes negocios militares, deslumbrava Lisboa, quando apparecia á frente do seu luzido estado maior, de que faziam parte o conde de Barbacena, o marechal Sampaio, o marquez de Angeja, o conde de Villa Flor, o marquez de Loulé, o conde da Figueira, o conde de Soure, o conde de Avintes, e outros.

O paiz delirava de jubilo, e o povo gritava desde Melgaço até ao cabo de Santa Maria:

—Viva o nosso capitão-mór, que já nos póde mandar prender!

Não tardou, porém, que algumas nuvens, presagas de tempestade, principiassem a apparecer no horisonte dos vencedores: a felicidade, se durasse muito tempo, deixaria talvez de o ser. Os inimigos da constituição já lhe tinham dado um golpe mortal, mas queriam mais. D. João VI era um rei timido e condescendente: estava fraco e gasto. O poder absoluto, exercido por um principe tão energico como D. Miguel, ou exercido por elle e por sua mãe, era o desideratum politico de muitos absolutistas. Então, a idéa de uma regencia, assim organisada, principiou a germinar nos cerebros dos mais ferrenhos defensores dos *inauferiveis direitos*. Não podia deixar de ser sympathica esta idéa tanto a D. Miguel como a sua mãe, educados na mesma escola de tradições antigas e principios intransigentes.

Por sua parte, os vencidos, não se vendo tão opprimidos como julgavam ser, iam perdendo a timidez da humildade, começavam a crear alentos, a esboçar planos.

O que então se passava em Coimbra dá-nos talvez uma justa idéa da situação moral de todo o paiz.

O elemento absolutista da universidade rejubilava em expansões de alegria. Instituira-se o prestito chamado *do José Caetano* (José Caetano da Silva, lente cathedratico da faculdade de canones) que devia annualmente celebrar-se para commemorar a restauração da monarchia absoluta.

Os lentes e os estudantes liberaes viam com maus olhos estas manifestações restauradoras. Houve illuminações e *oiteiro* na sala grande dos actos, mas o espirito revolucionario ousou transparecer nas composições recitadas por alguns academicos. O conservador, o *Cabaças*, quando uma noite recolhia com os verdeaes da universidade, fôra atacado no Arco do Bispo:—era a represalia das devassas por elle abertas contra os sectarios do governo constitucional e os membros das sociedades secretas.

De um lado, as impaciencias do partido avançado; do outro, o descontentamento dos absolutistas pela moderação do rei. Represalia sobre represalia. Uma alçada especial foi encarregada de syndicar os factos occorridos em Coimbra. Creou-se a junta chamada *expurgatoria* para banir os lentes e estudantes que fossem suspeitos de animosidade contra a restauração.

Assim começava a referver a escumalha das paixões politicas, a evidenciar-se a furia dos que, nas revoluções, representam o lodo que as aguas profundamente agitadas trazem á superficie.

D. Miguel, pela sua educação, pelos seus habitos de toureiro e de *sportman*, era mal acompanhado; admittia á sua confiança gente baixa, ambiciosa e invejosa, interesseira e aventureira. O picador João Sedovem, o correio de gabinete, Damasio, o cosinheiro da casa real, já celebre na jornada de Villa Franca, o sotta das cavallariças, Leonardo, sargentos de cavallaria, criados par-

O PRINCIPE D. CARLOS E SUA ESPOSA, A PRINCEZA MARIA AMELIA D'ORLÉANS

ticulares, auctorisados pela familiaridade de aventuras galantes, crearam ascendente no espirito de sua alteza.

Temos, pois, a registar não só os perigos que provinham propriamente do principe e dos que o rodeiavam, como dos que, por mais exaltados, não reprimiam os impetos da paixão politica, sem que para isso contribuisse directamente D. Miguel; e, finalmente, os que derivavam de divergencias de opinião entre os proprios ministros, chamados aos conselhos da corôa n'uma situação mal definida e sobremodo arriscada.

D. João VI, batido no meio de tão oppostos elementos, como eram os que, moderados e intransigentes, se digladiavam no proprio seio do gabinete, não sabia que fazer para aguentar-se no throno. Sorria a uns e a outros, e todos elles conspiravam junto da corôa, por motivos differentes.

ALBERTO PIMENTEL.

D. FELICIANA DE MILÃO

(1642—1705) (a)

Não foi uma mulher banal, nem mesmo siquer uma freira vulgar, esta ladina e brincalhôna D. Feliciana de Milão. Pelas muitas anedoctas profanas que d'ella se conservam impressas, ou correm na tradicção oral, devemos suppor que só se resolveu a tomar o véo depois de haver ensabeado o juizo a muitos petimetres e faceiras do seu tempo.

O auctor do «Theatro Heroino» chamando-lhe *famosa pelos seus apothegmas e discretas agudesas*, e marcando-lhe a data exacta do nascimento, acrescenta que D. Feliciana de Milão, sua contemporanea «era filha de *paes incertos*, o que é, na nossa opinião, um pouco peor do que ser filha de paes incognitos, por se dever inferir da primeira das duas qualificações que em mais de um pae se boquejava, para d'ahi nascer a incertesa de qual d'elles fosse o verdadeiro.

Seja como fôr, o facto é que D. Feliciana deu brado no mundo, e fez as delicias dos salões do seu tempo antes de entrar na vida contemplativa; e que estando no seu arbitrio escolher paradeiro da mais apertada regra, entendeu, e por isso lhe não quero eu mal, ir dar comsigo no convento de Odivellas, da ordem de S. Bernardo, já então nomeado pelas eroticas invasões de D. João V, e por ser o valhacoito de todas as bellezas do seculo mal avindas com as proprias consciencias, que expiavam peccados velhos pondo assucar em ponto e tornando celebres os covilhetes de marmelada que ainda hoje se abrigam debaixo do nome d'aquelle dulcissimo mosteiro.

Que D. Feliciana de Milão tomára o habito de S. Bernardo *em crescidos annos*, dil-o o mais minucioso dos seus admiradores (b) e nem de outra forma podia ser, attendendo á grande quantidade de ditos profanos que lhe são attribuidos, e a indicação das pessoas que victimou com os seus *equivocos* (calembourgo); e dos logares que escolheu para pôr em circulação as suas *asudesas* como lhes chama o pachorrento frei João de S. Pedro.

Não se pode indicar com a devida exatidão quaes fossem os *crescidos annos* a que se refere o apologista da nossa maldosa freira; mas tendo ella vivido setenta e tres, não me parece desarasoada a suspeita de que D. Feliciana deu a Deus o que o diabo já não queria, entrando depois dos cincoenta para o convento de Odivellas, onde desempenhou o humilde logar de porteira, *com juizo e discripção*, o que não é para admirar em pessoa do seu engenho principalmente depois de passadas as verduras da mocidade.

Confesso aqui á bôamente que sou pouco ou nada apaixonado pela leitura dos apothegmas, ou ditos agudos e sentenciosos, que Suppico enfeixou em dois grossos volumes, e foram por muito tempo julgados como repositorios unicos de todos os chistes e graçolas nacionaes.

Hoje, ou por que haja mais liberdade no fallar, ou por que a lingua nacional tomasse um tom mais lepido e zombeteiro (que ainda assim não chega n'este ponto ao desenxovalhado da franceza,) a verdade é que me destoam e desagradam quasi todas as anecdotas a que nossos avós achavam sal, e de que foi o ultimo dos collectores o enthusiasta, original e octoginario marquez de Rezende. (c)

Não obstante, devo desde já dizel-o, D. Feliciana de Milão, avantaja-se extraordinariamente aos seus contemporaneos, pela lucidez e brevidade dos seus epigrammas que não tem comparação com os pedantescos «*Dites da Freira*» de D. Joanna da Gama, que tão rançosas apologias mereceram, até que uma recente e verdadeira publicidade os reduziu ás suas justas proporções. (d)

Lendo seguidamente todos os apothegmas collecionados por Suppico, onde avultam os que principiam por: «dizia meu tio frei José Suppico» só se encontram nos que são attribuidos a homens, eguaes aos de D. Feliciana de Milão, os de D. João Coutinho e D. Lucas de Portugal; e nos que são de responsabilidade feminina, os poucos que nos legou a madre Soror Julia Cicarelli, religiosa de S. Domingos, e mais nenhuns.

Pois é preciso que se saiba, para que não accusem de bisonhice os portuguezas, que o numero das mulheres recenseadas por Suppico, como falladoras discretas, não é tão pequeno como se julga; e que, apesar d'isso, brilha entre todas ellas a madre porteira do convento de Odivellas, que, além de bem fallante, *escreveu epistolas tão discretas, que bem mereciam o beneficio da estampa*, diz o frade que deixou os apontamentos para a biographia da talentosa freira. (e)

Das cartas que escreveu D. Feliciana de Milão, e de que logo fallaremos, diz ainda o auctor do Theatro Heroneo: *algumas conservo com menos ambição do que gosto, mas já que não posso honrar-lhe a memoria com este beneficio (o da imprensa) referirei grande parte dos seus apothegmas;* e foi o que fez, transcrevendo alguns, que nos dão a medida exacta do caracter da freira d'Odivellas, e diga-se tambem, da sua soltura da lingua, ou antes liberdade no fallar, de que não encontro exemplos eguaes senão nos attribuidos pela tradição á Viscondessa de Balsemão, D. Catharina, que esses pódem competir em desassombro com os de D. Feliciana de Milão.

E' por via de regra a parte anedoctica da vida de um escriptor, a mais oscillante e incerta, quando não a mais calumniada, ou a mais affeiçoada ao sabor litterario dos commentadores.

N'este assumpto, de passar um homem ou uma mulher por *ter espirito*, segundo a moderna expressão, mau é dizer-se que o cão é damnado. N'estes casos não ha que ter fé no fiel da balança. Umas vezes a opinião publica faz responsavel um homem por todas as bernardices de seu tempo; outras vezes attribuem a um outro homem, mesmo sem plausibilidade, todos os ditos sentenciosos de outra epoca, ou todos os equivocos graciosos que correm pelas salas sem procedencia segura nem bem aviriguada.

Teve D. Feliciana de Milão a boa fortuna de lhe attribuirem todos os chistes, e replicas fulminantes da sua epoca, mesmo aquelles que desdizem do seu estado e sexo, o que não impediu que um frade, em 1736, e o sobrinho de um outro frade, em 1761, os dessem á estampa sem disfarce nem recato, como talvez conviria á convencional pudicicia da freira d'Odivellas.

Assim pois, conta-se que querendo entrar D. Feliciana no convento da Trindade, n'um dia de grande apertão, e sendo ainda secular (diz o livro para compor o caso) mandou adeante uma creada abrir-lhe caminho. Estava á porta um desembargador de bom gosto, por alcunha o Malmede que, (o conto não diz o motivo) deu um belisção na creada, o que vendo D. Feliciana, se virou para o magistrado, dizendo-lhe:

«Não apegue vossa mercê a fructa que não ha de comprar.»

Ao que elle respondeu menos polidamente:

—Sim, comprarei, porque tenho dinheiro para isso.

Ao que replicou de prompto a introlocutora d'este pouco edificante dialogo, por ser passado dentro de um templo:

«*Mal-mede* vossa mercê as pessoas com quem falla.»

Como ha quem affirme que se não deve perguntar o fim das historias, ficaremos sem saber se o desembargador, tendo deixado um belisção de signal e por conta do melhor affecto, o perdeu ou chegou a comprar a creada que apolegára sem licença da patroa.

Conta-se tambem que D. Affonso VI, a quem a historia nega as necessarias condições para avaliar mulheres, chamara um dia Eva a D. Feliciana de Milão, que ella replicara gentilmente, fingindo se esquecida da incompetencia do galanteador:

(a) Estas datas sam rigorosamente apuradas do «Theatro Heroino» de Damião de Froes Perym, ou antes, com já deixei apurado em outra parte, frei João de S. Pedro, que em 1720 era Geral da Congregação de S. Jeronymo.

Diogo Manuel Ayres de Arouca, auctor do livro intitulado «*Portugal illustrado pelo sexo feminino*» falla de D. Feliciana de... (sem lhe dar sobrenome) que foi religiosa do convento de Odivellas, e a quem attribue *grande discripção, engenho e galanteria* qualidades que tambem lhe reconhece frei João de S. Pedro, e com elle Pedro José Suppico, que para a sua «*Collecção Politica de apothegmas*, trasladou alguns dos mais apimentados ditos da chistosa freira

(b) Damião de Froes Perym, no seu «Theatro Heroino»

(c) *Marquez de Rezende*: «Pintura de um oiteiro nocturno e um sarau musical, ás portas de Lisboa, no fim do seculo passado.» Um folheto de 45 paginas.

(d) O livro a que me refiro foi dado ha poucos annos á estampa pelo sr. Tito de Noronha, e editado pelo sr. Chardron.

(e) As mulheres que figuram na «Collecção» de Suppico de Moraes, sam: A rainha D. Catharina—D. Leonor d'Ataide—D. Maria d'Arrayolos—D. Brites de Vilhena—Isabel Rodrigues—D. Cecilia de Lacerda—D. Joanna de Figueira—Soror Ignez da Paz—A infanta D. Sanches—Soror Maria de S. Aleixo (a de que se faz menção em outro logar d'este livro) Soror Jeronyma de Carvalho, e a mais notavel d'ellas, Soror Cecilia Cicarelli, e D. Bernarda Coutinho, a quem Suppico attribue os ditos, que o «Theatro Heroino» lança sob a responsabilidade de D. Maria de Guadalupe Lencastre e Cardenas, duqueza d'Aveiro e Torres Novas. Lá se avenham os dois.

«Só vossa magestade me podia fazer a primeira mulher do mundo.» (f)

Requerimento que, de certo, ficou sem despacho favoravel, attendendo á verdade dos depoimentos que mais tarde fez D. Maria Francisca de Saboya, no processo que instaurou contra o seu real esposo, por incapaz e má figura, e de que obteve deferimento a seu geito em todas as instancias que percorreu.

Da nossa heroina se conta que, sendo ja porteira do convento, e procurando um homem certa religiosa, lhe perguntára em virtude do seu officio, como se chamava, ao qe elle respondera, por ser esse o seu nome: Lourenço Coelho Leitão. Tanto bastou para que a festiva freira se voltasse para uma creada, dizendo-lhe: «Chamae soror fulana, que venha buscar estes tres assados.» Alludindo a S. Lourenço, que morrera grelhado, e aos dois appellidos do infeliz perguntador,—*coelho e leitão*.

As brincadeiras de D. Feliciana de Milão entravam ás vezes pelos dominios das attribuições regias, o que lhe não punha embargos á causticidade, ou antes, como hoje diriamos—á liberdade do pensamento. Assim pois, quando um dos nossos reis, (o chronista por cautella não diz qual foi, mas que devemos julgar ter sido D. Pedro II,) deu a commandar uns terços de infanteria a certos fidalgos ainda muito moços e inexperientes, accudiu logo a epigrammatica freira, dizendo: «Que el-rei estava feito padre da doutrina, pois que dava *terços* de premio aos meninos da escola».

Até aqui brincava D. Feliciana só com creanças; vamos vel-agora fazer outro tanto com os generaes do seu tempo, não os poupando ao flagicio da sua fina critica, nem a si propria as possiveis consequencias do seu humoristico desasombro.

Pedio D. Feliciana com interesse noticias da campanha de 170[illegible]. (um anno antes da sua morte, e tendo já 72 de edade!) e respondendo-se-lhe que o Marquez das Minas *marchara* para uma parte, que o conde de S. Vicente *marchara* por outra, e que o conde das [illegible]veis, tambem *marchara*; respondeu ella zombando de tantas marchas, muitas sem uma batalha decisiva:

«Quizera eu antes que esses senhores fossem *contadores* que *marchantes*» resumindo n'este jogo de palavras a critica das morosas operações militares contra os hespanhoes.

São muitos os ditos de menor monta da freira de Odivellas, alguns simplesmente jocosos, outros de malicia tão acre e intencional que justificam o epitafio que ella á hora da morte compôz para ser posto sobre a sua sepultura, como resumo de um acertado exame de consciencia.

Para não alongar em demasiado esta escripta darei algumas amostras de uns e de outros, não sem pedir antecipadamente perdão ás leitoras dos desbocamentos da minha cliente.

Tinha uma freira de Odivellas em sua companhia uma filha de seu irmão, a quem chamavam a Raposa, alcunha que herdára de sua mãe. Um dia, em que a menina fôra açoutada pela tia, appareceu na crasta do convento um religioso Agostinho Descalso (frade Grillo) que brincava muitas vezes com a creança. Esta, vendo-o, pedio que a levasse para elle, o que sendo ouvido por D. Feliciana, disse. «Minha Senhora, deixe-a ir, não se diga debalde que mal vae á raposa quando anda aos *grillos*».

Disse eu ha pouco que havia pessoas a quem se attribuiam todos os ditos sentenciosos, ou todos os equivocos maliciosos de uma epoca, quando não era possivel averiguar-lhes a procedencia bem segura e bem authentica.

Vamos provar a nossa affirmativa. Lê-se no «Theatro Heroico» que estando uma vez D. Lourenço d'Almada em pé, junto á porta da egreja de Odivelias, tirando a vista a D. Feliciana de Milão, esta o convidára pelo seguinte modo a mudar de logar, dizendo-lhe: «Senhor D. Lourenço, já que é *d'Almada*, passe para a *outra banda*.»

(*Conclue*) L. A. Palmeirim.

(f) Camillo Castello Branco, fallando por incidente em D. Feliciana de Milão, no seu romance *A Caveira da Martyr*, affirma que a freira fôra amante de D. Affonso VI, sendo substituida nos seus affectos por D. Anna de Moura, tambem freira de Odivellas, e irmã de Gil Vaz Lobo, a quem n'este artigo nos referimos.

Ahi vão as palavras textuaes do illustre romancista, e tenaz indagador de minucias historicas:

«*Esta D. Feliciana soffreu o desaire de ser sacrificada pelo inconstante Affonso a D. Anna de Moura, tambem religiosa de Cister. Trocaram-se então as duas freiras umas poesias que pela primeira vez appareceram á luz da critica, depois do grande estrondo que então fizeram na côrte e no mosteiro. Ha n'ellas equivocos chistosos, e um engenhoso jogar de vocabulos, como diria o padre Vieira.*

O poema attribuido a Affonso VI é tão ordinario que não duvido attribuir-lh'o. Ahi vae o pugilato metrico, fielmente copiado de um «Cancioneiro» que mão curiosa e benemerita colligiu n'aquelle tempo.»

Em seguida Camillo Castello Branco transcreve as poesias de D. Feliciana de Milão, de D. Anna Angelica de Moura, e as attribuidas a Affonso VI, pelas consoantes das decimas que lhe dirigira a sua abandonada amante,

Pela minha parte não me querendo metter a desembrulhar esta meada direi apenas que acho plausivel a suspeita de D. Feliciana haver sido cortejada pelo rei, e para isso me fundo em o auctor do *Portugal Illustrado pelo sexo feminino*, que falla da «galanteria» de D. Feliciana, sendo tambem d'este aviso o padre mestre Frei João de S. Pedro, a quem não julgo capaz de calumniar o proximo.

Os peralvilhos do tempo chamaram a D. Anna de Moura *Flôr do Sol*. Quer-me parecer que sendo ella a flôr, o sol não podia ser outro senão o infeliz irmão de D. Pedro II.

O ESPIRITO SANTO NOS AÇORES

(COSTUMES POPULARES)

III

O imperio:—a coroação

Raia a alvorada do domingo, uma tinta indecisa de gris-perle espalha-se no ar como um nevoeiro diaphano, semelhante a um veo de noiva. Respira-se a plenos pulmões uma brisa fresca e balsamica; por toda a parte sente-se essa humidade particular do clima açoriano, que o torna temperado.

Tinge-se de purpura a linha do horisonte sobre as aguas do mar, e emerge o sol radiante sob o seu resplendor de raios.

Tudo desperta, e a paz da natureza substitue-se pelo rufar dos tambores dos foliões, que vão e vem, descem e sobem a rua, visitam todos os imperios vizinhos, n'uma epilepsia de andarilhos, enchendo todos os recantos com as suas *cantigas de pombinha*, n'uma melopéa extraordinariamente comica.

Tudo se prepara para a imponente ceremonia da coroação do novo imperador, para o anno futuro. Veem chegando os convidados. Apparece a musica: uma banda marcial com trinta e tres figuras, os instrumentos de latão, reluzindo ao sol como ouro, luvas brancas, fardas de officiaes de marinha. A bandeira da philarmonica, de seda azul, encimada por uma lyra dourada, ao centro do panno, bordado o brazão da sociedade em campo de setim branco.

Pelas janellas avulta a parte feminina das familias, de toilettes risonhas de cassa de lã, de merino-palha, de seda clara. Todas as meninas em cabello, uma rosa perdendo-se nas opulencias d'umas tranças d'ebano, os olhos vivos, cheios d'alegria, abertos pela picante curiosidade, sob uns cilios gentis e velludineos. O côllo divinamente tenro e farto, arfando sob a riqueza d'uma cruz d'ouro esmaltado, os seios protuberantes e saudaveis, o tronco cheio e robusto, as mãos rechonchudas sem luvas, onde os anneis scintillam. Eis a açoriana a traço largo.

Na rua accumula-se a multidão, inquieta, febril d'enthusiasmo, jamais de devoção. Os imperios são as kermesses dos Açores.

Batem onze horas e tudo se põe em marcha para a egreja parochial, nos seguintes termos de cortejo:

Abre o prestito a folia, mas d'esta vez muito caladinha, levando a sua respectiva bandeira. Entre ella e o prestito ha um argo espaço preenchido pelo pyrotechnico e seus ajudantes, rodeados de uma nuvem de garotos, carregados de foguetes de tres respostas, que os fogueteiros lançam ao ar com uma habilidade tal, que, raro é o foguete que não vae esbarrar nos beiraes dos telhados, levando o terror aos mirones das aguas furtadas e as faiscas aos penteados das senhoras.

Seguem-se a este ruidoso piquete pedestre, em duas largas alas, os convidados e os moradores da rua, vestidos circumspectamente de panno fino preto, chapeu n'uma mão, grande tocha apagada na outra. No couce do prestito, o filho do imperador—uma creancita—com uma grande corôa de prata na cabeça e um respeitavel sceptro do mesmo metal na mãosinha, finamente enluvada. Não se imagina a riqueza e o bom gosto do vestuario da creança que serve de imperador. Se é menina, o côllo, os pulsos, os dedos e as orelhas ostentam joias de grande valor.

Ladeiam a creança coroada, duzias d'outras creanças de differentes edades, tambem graciosamente vestidas.

Collocado por detraz do pequeno imperador, o pae, o sr. mordomo do imperio, que é o verdadeiro imperador, como não póde levar a corôa na cabeça e o sceptro na mão, o que tornaria irreprimivel a gargalhada, leva hasteada solemnemente a bandeira do imperio, na posição atrapalhada de um gallucho quando lhe mandam apresentar armas.

Rodeiam o mordomo, os altos personagens do imperio. Atraz de s. ex.ª, caminha gravemente, a compasso, a chibante philarmonica, notas soltas ao vento, fifias á larga. Uma pancadaria medonha de zabumba, caixas de rufo e pratos, faz estremecer d'alegria todos os corações. E' de *rigor executar* o hymno do Espirito Santo durante todo o trajecto.

N'este enlevo d'almas, chega-se á egreja. O prestito avança magestosamente pela nave central em direcção ao altar mór, onde se postam as creanças. As insignias do imperio são collocadas sobre coxins de seda carmezim ao lado d'outras de outros imperios semelhantes. Os respectivos cortejos fraternisam no corpo da egreja. Procede-se á festa; finda ella, o celebrante que diz a missa, passa á ceremonia da coroação e colloca, pelas suas sagradas mãos, a corôa na cabeça do pequenito filho do novo mordomo ou imperador, para casa do qual vae a bandeira até ao anno seguinte e que tem de fazer todas as despezas d'esta funcção que teem arruinado muitas familias.

Depois da coroação, volta o prestito com a mesma ordem

KAZAN

por outro caminho ao ponto de partida, entrando a bandeira e corôa sob uma chuva de flôres, arremessadas das janellas, para casa do novo mordomo. Se este é pessoa rica, os padres incorporam-se no prestito e entoam um reverendo canto-chão pelas ruas, alternando-se com a philarmonica, o que dá um grande tom á solemnidade e faz babar de jubilo todos os circumstantes.

Chegado o prestito á residencia do mordomo, dispersa toda a frandulagem dos convidados, e apenas ficam os mais intimos, para um banquete onde a fartura e a solidez da mesa açoriana se patenteiam deliciosamente ás guelas ávidas dos srs. padres-mestres. A' noite ha baile, obrigado a piano, rebeca e flauta. No dia seguinte, ha... credores á porta dos mordomos.

Maio, 1886.

José Maria da Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

O COCHE DA COROA

Este coche de gala acaba de figurar no cortejo nupcial do principe D. Carlos, conduzindo á egreja de S. Domingos el-rei o sr. D. Luiz. Foi mandado fazer por D. João V para as festas do casamento de seu filho, o principe D. José, com a infanta de Hespanha, D. Marianna, e estreiou-se na solemnidade do encontro das duas familias reaes, em um palacio de madeira que foi construido sobre o rio Caia.

Denominam n'o o *Coche da corôa*, e é um dos mais ricos da casa real.

GUILHERME GOMES FERNANDES

Commandante dos bombeiros voluntarios do Porto

E' um valente e um heroe este bello rapaz de trinta e dois annos, que a segunda cidade do paiz adora como um dos seus filhos mais dilectos.

Todos ali o conhecem, toda a gente o saúda enthusiastica e affectuosamente na passagem.

E' que elle, emquanto a maioria dos rapazes da sua edade vive para o prazer, gastando a vida em ocios improductivos, arrisca a existencia a toda a hora, para salvar a dos outros, e reparte os seus haveres com os necessitados que o procuram.

Em vez de ter o egoismo por divisa, tem a abnegação e a caridade.

E' por isso—repetimo-l'o—que todos o estimam no Porto, e que os seus companheiros de gloria o estremecem e respeitam, com a sympathia votada aos caracteres immaculados, com a veneração que só os homens verdadeiramente superiores sabem inspirar.

O PRINCIPE D. CARLOS E SUA ESPOSA, A PRINCEZA MARIA AMELIA D'ORLÉANS

Damos hoje, como brinde, aos nossos leitores, um novo retrato das sympathicos principes recem casados.

Quando todo o paiz tem os olhos fitos nos augustos noivos, não é de mais que nós nos occupemos d'elles muitas vezes, reproduzindo em gravura os seus melhores retratos

KAZAN

A nossa estampa representa a cidade de Kazan, na Russia europea, a 740 kilometros de Moscou, entre a margem esquerda do Kazarka e do seu affluente, o Bulak.

Kazan pertence á Russia desde 1552, e tem 80.000 habitantes. E', nos mappas geographicos, o ponto em que a Europa se liga á Asia. A fronteira está a 30 leguas mais longe, junto dos Urals; mas a linha real em que a Russia e a Tartaria se encontram, são as margens do Volga interior, desde o mar Caspio até a cidade de Kazan. Esta fronteira esta situada a éste de Bagdad.

Sob o ponto de vista do logar e do aspecto, esta cidade é extremamente bella, sobre tudo no tempo das cheias, quando a agoa, que corre junto das suas muralhas, se torna n'um lago immenso. Ao longo do rio ergue se uma montanha de crista denticulada, formosissima. Ali está *kremlin*, o castello, escarpado e armado de canhões, com as muralhas coroadas de torres e de cupulas. Para além ergue-se um lindo planalto coberto por algumas ruinas d'antigos edificios e de torres; um jardim e um *chalet* alegram aquella paizagem.

Cada um dos bairros de Kazan tem um caracter architectural particular. O kremlim tem o cunho christão; a rua Alta é essencialmente germanica. Uma antiga porta tartara está em frente da cathedral, mas a cidadella foi em grande parte construida depois da conquista do khanato, pelas tropas d'Ivan IV. O bairro baixo da cidade é povoado pelos filhos do islamismo, descendentes de Baton Khan.

CASCATA DA QUINTA REAL DE CAXIAS

O paço e quinta de Caxias eram da casa do infantado, e pela extincção d'ella foram encorporados nos bens da corôa.

O paço é um edificio de acanhadas dimensões e de modesta fabrica. Deu-lhe principio o infante D. Francisco, filho de el-rei D. Pedro II, e foi acabado por ordem do infante, depois rei D Pedro III.

Não corresponde o paço de Caxias á quinta que tem contigua, porque esta é grande, e n'ella avultam obras de arte grandiosas. Em parte é plana, e em parte montuosa. Na planicie estão os jardins, pomares e ruas do bosque. Nos montes cultivam-se cereaes.

A parte recreativa da quinta, embora plantada ao gosto antigo, é bella.

O jardim principal e a sua esplendida cascata, que a nossa gravura representa, offerecem uma perspectiva cheia de belleza e magestade.

O jardim é um dos maiores que ha no paiz. Tem duas altas paredes de verdura, sempre bem tosqueada, com varios nichos a espaços, guarnecidos de estatuas: no centro, cinco lagos de marmore: e no fundo, em toda a largura do jardim, a cascata com as suas galerias lateraes.

A cascata eleva-se a grande altura, rematando em um pavilhão oitavado, com tres janelias e uma porta, todas de vidraças. No centro do pavilhão levanta-se, a um metro, ou pouco mais, do pavimento, um tanque de marmore lavrado, tendo em cada uma das faces um espaço aberto no marmore e tapado com vidro, atravez do qual se veem os peixes nadando. Do meio do tanque ergue-se um obelisco de marmore de cores, por onde sae agua para elle.

E' de maravilhoso effeito ver rebentar debaixo do pavilhão um grande volume de aguas, que em amplos lençoes e por entre repuxos que se cruzam, se precipita de degrau em degrau até ao lago onde está figurado o banho de Diana.

O lago é grande e formado de pedras carcomidas e tostadas, do mesmo modo que a parte central da cascata por onde despenham as aguas, e as grutas que se estendem de um e outro lado. Adornam-o differentes grupos de estatuas collocadas sobre rochedos. No do meio vê se Diana com duas nymphas, empunhando a lança, de que sae elevado repuxo de agua.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Esta flôr corre nas mãos da beata—2—2.
Na Judéa desposou Jacob esta mulher—1—2.
Este pronome aqui é ave—1—1.
Na musica não sou eu, é esta ave—1—1.

J. L. Perpetua.

Este mineral é immenso na Suecia—1—1.
Esta virtude e mais esta é animal—1—1.
Esta ave nos jardins é um passaro—2—1.
Na roca é louca e peixe—2—2

Amadeu de Wraunitz

EM VERSO

(OFFERECIDA A TODOS OS COLLABORADORES D'ESTA SECÇÃO)

Premio a quem primeiro enviar a solução ao meu patricio Antonio Marques Guedes, de Vizeu—*Uma surpreza*

Mesmo que queira, não posso
Viver a fazer charadas:
Por isso dou hoje treguas,
A's supra-mencionadas.

Ao despedir-me, porém,
D'esta bella Illustração:
Sinto nos olhos o pranto,
A magua no coração! —2

Pois é bem triste, de certo,
E causa mesmo quizilia,
Deixal a, quem foi constante
N'esta secção: — em familia. — 2

Porém, um dever me obriga,
Bem contra a minha vontade,
A viver, quasi á formiga;
Distante d'esta cidade.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

Dama gentil, segue descuidada,
Não temendo da chuva a aspereza,
E inda menos, ser enxovalhada
Por esta inimiga da limpeza. — 2

Mas, apesar de muito apressada,
A's vezes, com extrema viveza,
Aspira uma flôr mui delicada,
Sem rival, em odor e belleza. — 2

E vae caminhando, azafamada,
A procurar villa portugueza,
Que a leitora, sem grande massada,
Aqui verá com toda a certeza.

Carta enigmatica

Meu caro 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Fui ao 1, 3, 9. 6, 10, a visitar o nosso amigo 8, 4, 1, 6, 10, 3 de 1, 9, 5, 6, 3, 7.

Vi a excellente 1, 9, 3, 8, 7, 9, 3, 4. 9 que elle possue, estabelecida n'um grande 1, 9, 5, 9, 3, 9, 7 tendo ao lado uma linda 2, 7, 3, 6, 9.

Tambem lá estava o 1, 7, 5, 6, 9, um grande 5. 7, 1, 9, 3, 3, 9, 7, que é 5, 9, 1, 4. 10 d'elle.

Ambos fizemos 1, 2, 9. 1, 7, 6 9 do 1, 9, 5, 6, 3, 7 estar sempre *mastigando* n'um 3, 7, 5, 9, 3, 4, 10

O 1, 9. 5, 6, 3, 7 afinou com a 6, 3, 10, 1, 9 e fazendo 1, 2, 9, 3, 4. 8, 9, 3, 4, dependurou o 3. 7. 5. 9, 3, 4, 10 e fallando em 3 9, 1. 10, 5 e 1, 7, 3, 4, 5, 1, 10, 5, fez andar o 1, 9, 3, 8, 9, 7 n'uma dobadoira!

O 1, 7, 5. 6, 9 fugiu para a 2, 7, 3, 6, 9, onde se conservou de 1, 7, 1, 10, 3, 9, 5 junto de um 1, 9, 5, 1, 7 que estava proximo de um 1. 2, 9. 3. 1, 7.

O 1, 9, 5, 6, 3, 7 seguiu-o, e arrancando uma grande porção de 1, 2, 4, 1, 7, 3, 4. 9, 5, deu com ellas no 3. 7. 5. 6, 10 do 1, 7, 5, 6, 9 com tanta força, que cahiu no 1, 2, 9, 3, 1, 7!

Após 3, 4, 5, 7, 6, 9 geral, por causa da 1, 9, 3, 4, 1, 9, 6, 9 posição em que o 1, 7. 5, 6, 9 ficou, fomos na melhor harmonia provar um famoso 1, 9, 3, 3, 9, 5, 1 9 7 que o 1, 7, 5, 6, 3, 7 possue.

Teu amigo

8, 4, 3, 4, 9, 6, 10 — 3, 7. 1, 2, 9

MATHEUS JUNIOR.

Logogriphos

(Por lettras)

(A Ricardo M. da Cruz Almeida)

Nome de homem — 2 - 6 7 - 8 - 1 — 4
Nome de mulher — 1 — 2 - 5 — 4 — 3 — 6
Nome de homem — 4 — 1 — 8 - 7 — 1 4
Nome de mulher 6 - 2 — 6 — 4 - 3 — 6
Nome de homem — 1 — 4 — 2 — 6 — 7 — 8
Nome de mulher - 6 - 2 — 1 — 4 — 5 — 6

Nome de homem

ANTONIO DE SOUSA FRANCO.

Se procuras n'um fraguedo — 10 — 8 — 6 2
Com superficie escabrosa — 5 - 6 — 2 - 8 — 7
E bastante pedregosa, — 1 - 10 — 5 — 2 — 6 — 7
Um producto art'ficial, — 8 — 6 — 7 — 3 — 2
Achas certa ligadura; — 5 — 7 — 9 - 3 - 10
E, acredita, tens finura — 8 — 4 — 6 — 9 — 2
Se 'inda encontras vegetal. — 5 — 6 — 10 — 8 - 2 — 6 — 9 — 7

Não é para te admirares
Se 'inda vegetal achares.

MATHEUS JUNIOR.

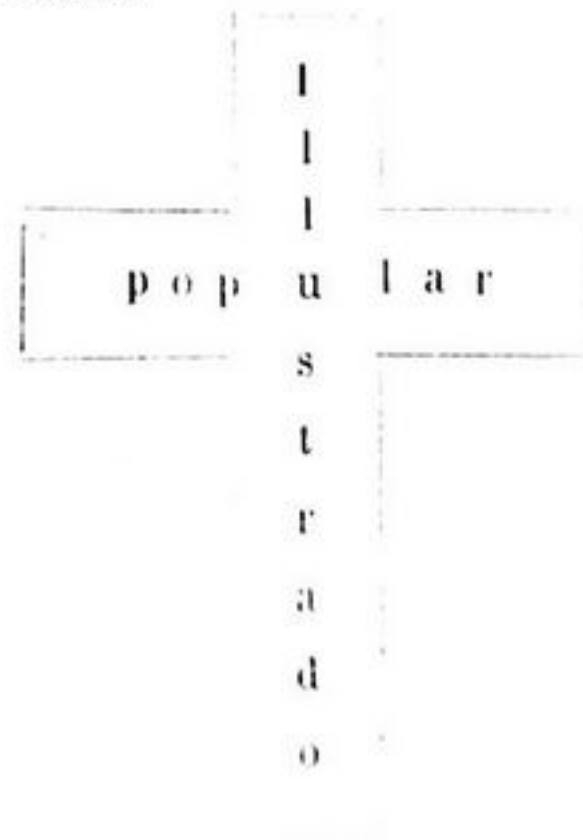
Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Ruibarbo — Catopa — Capello — Zamboeira — Pitanga — Napoleão — Batalha — Malaca.

DA CHARADA EM VERSO: — Monteiro.

DA CHARADA EM QUADRO: — L a r a
a ç o r
r o l a
a r a l

DOS LOGOGRIPHOS: — Joaquina — Valentim — Crysoprasio — Marcellino.

DO ENIGMA EM CRUZ:

Errata

A ultima charada novissima do n.º 44 deve lêr-se:
Serve para viajar aqui, n'esta cidade — 2 — 1.

A RIR

Em familia:

— Sabe, meu caro genro, que tenciono acompanhal-o durante a sua viagem da primavera?

— Devéras, minha cara sogra?

— Sim. Mas preciso saber onde vae, porque desejo preparar os meus vestidos, segundo o clima do paiz que escolher.

O GENRO, *com ar feroz*. — Vou para a Sicilia, mesmo ao pé do Etna.

*

Falla-se de politica n'uma sala.

— Oxalá que todos fossem tão indifferentes como eu, em materia politica. Por mim, tenho acceitado e estou disposto a acceitar todos os governos possiveis, sem gritar nunca: «Viva... ninguem!»

— Podéra! responde um dos circumstantes. Se o meu amigo é medico!...

O SENHOR MAU

O Quim tinha um medo enorme d'aquelle Crucificado, que para elle symbolisava todo o terror da lendaria historia dos papões e lobishomens, com que, por um erro de educação, as mães ameaçam os filhos, abdicando do seu poder e dos seus meios, a favor d'uma divindade mysteriosa, vingativa e cruel, prompta sempre a castigar desapiedadamente as creanças, quando ellas delinquem.

Effectivamente o pobre Quim tinha muita rasão em temer as iras d'aquelle Christo, que metteria medo a qualquer outro, que não fosse como elle um bebé loiro, de oito annos, fresco e rosado como uma primavera constante, traquinas e desinquieto como uma infantilidade angelica açoutada pelas virações do estio.

O esculptor, pouco versado na historia sacra, desconhecedor em absoluto dos traços phisionomicos do Nazareno, segundo nol-o descrevem os doutores da egreja e as santas Escripturas, sonhára, ao pegar no buril, produzir, não o Christo bom, misericordioso e doce, expirando na Cruz para remir os enormes crimes da humanidade, não o Christo todo bondade e doçura, todo paz e caridade, vertendo, pela salvação dos homens, as gottas preciosas do seu sangue, mas sim um Christo indignado contra o mundo e seus habitantes, de aspecto carregado e tetrico, aterrador como uma ameaça divina, desesperado como um impenitente, feroz como um soldado hebreu, irritavel como o mau ladrão.

Fizera pois uma esculptura de musculos vigorosos e possantes, barbas negras, desgrenhadas e curtas como as de um ma-

chabeu, olhar ardente, feroz, ameaçador e mau, que infundia um certo terror instinctivo e parecia amaldiçoar a Terra e renegar a Deus, e em toda a epiderme burnira-lhe uns tons sanguineos e trigueiros, ao passo que os labios entreabertos, grossos e vermelhos, pareciam vibrar sobre a humanidade uma blasphemia terrivel.

O artista ignorava de certo a descripção d'aquelle Christo que se admira na cathedral de Reims, e cujo olhar moribundo e vitreo parece espargir sobre a Terra as ultimas claridades d'um astro redemptor prestes a apagar se, ao passo que os labios lividos e descahidos, onde o frio da morte tinha deposto um osculo funerario, julgamos vel-os enviar aos homens as derradeiras vibrações suavissimas d'esse perdão extraordinario que riscou da fronte d'elles o anathema esmagador, que pesava sobre a humanidade como uma montanha de despreso e abandono.

O Christo de Reims tem na pelle a pallidez amarellada da carne que morre e esfria por falta de seiva, e nas chagas esses tons asulados e denegridos do sangue que se coagula nos bordos gelados d'uma ferida. Atravez aquella epiderme de alvaiade e verniz, adivinha-se a marcha implacavel da morte. Todos aquelles membros magros, ossudos e flacidos, justificam bem as atribulações do Homem Deus, os seus jejuns, e a sua penosa marcha no Monte Calvario, vergando ao peso d'aquelle enorme lenho a espaços ajudado a transportar pelo Cyrineo compadecido.

A fronte inclinada para o peito, pingando um sangue pobre de globulos e arrancado pelos espinhos d'uma coroa irrisoria, as narinas afiladas, unidas quasi, n'aquella grande compressão da morte, as orelhas descahidas, brancas, diaphanas, e no peito, salientes como as cavernas d'um navio despedaçado pelas vagas de encontro aos rochedos, as costellas descarnadas erguidas pelas ultimas aspirações d'uma atmosphera que a custo se queimara nos pulmões já sem elasticidade, dão a esta esculptura uma doce aureola de redempção e martyrio, de paz e supplicio.

O Christo do Quim, pelo contrario, era bem fornido de carnes, possuidor d'um sangue rico o avermelhado, que em borbotões lhe jorrava da carne impiamente estalada sem arte, como se cada chaga tivesse rebentado por meio da explosão d'uma pequena bomba occulta entre os tecidos, a fronte estava erguida n'um bello ar de soberba phisica, o olhar brilhante, accusando muita vida e resistencia, e a expressão virulenta, indignada, como que dizendo nos que, se o despregassem da cruz, ainda tinha forças bastantes para correr a pau toda aquella canalha que o sacrificára.

Com o decorrer dos annos, a mãe do Quim, que amava mais a religião das toilettes e dos perfumes que a de Deus, visto o Crucificado não lhe servir para as orações, fizera d elle o papão inoxoravel contra as maldades do filho, e conseguira que este adquirisse pela imagem do martyr do Golgotha um temor instinctivo.

O Quim tinha-lhe odio. Quando passava pelo oratorio olhava-o de revez, e aquellas enormes pupillas do Christo, fulgidas á luz tremula da lampada que sem interrupção alumiava o nicho, faziam-n'o tremer de medo.

E' que aquelle crucifixo representava para elle umas tantas duzias de açoites que a mãe lhe dizia serem applicados por ordem do Nazareno, afim de livrar de si qualquer falta de amizade do filho, privações de passeios, suppressões de brinquedos, emfim; um verdadeiro carrasco, sempre prompto a castigal-o pelas suas traquinices de creança.

Então, o sentimento da vingança, o desejo de se livrar d'aquelle *Senhor Mau*, que não lhe tinha amizade alguma, que castigava sempre e não perdoava nunca, começou a brocar n'um trabalho microscopio, lento, por vezes interrompido, as despreoccupadas cellulas do seu cerebro.

Inventava um meio de o destruir, mas um passeio, um cavallo de papellão, um bolo, etc., etc., suspendia-lhe a intenção, que soltava de novo, quando novos açoutes faziam accudir o sangue á sua epiderme setinosa e branca como uma petala de açucena.

Uma manhã, a mãe, possuida de um accesso de moral religiosa, enfaxa a grossa cintura do Christo n'uma bella toalhinha de rendas bordadas a prata com rozeta e laço.

Na vespera, o Quim tinha levado, por ordem do Senhor, tres açoutes formidaveis, e fôra obrigado a deitar-se cedo.

Silencioso, de olhos baixos e como que ruminando uma idéa nova, o Quim assistiu ao enfachar da toalha na cintura do Christo, e quando a mãe collocou de novo a imagem no oratorio, elle foi sentar-se a brincar com o cão da casa, seu intimo amigo e fiel companheiro nas alegrias e desditas.

N'essa tarde, os paes sahiram a passeio, e por ordem do *Senhor Mau* não o levaram comsigo.

O Quim chorou de raiva, quebrou as pernas ao seu bonito cavallo de gesso, e meia hora depois subiu á cadeira que tinha ficado encostada ao oratorio, empurrou a lamparina para debaixo da toalha do Christo, e muito ao de leve, seguido pelo cão, foi brincar para o jardim.

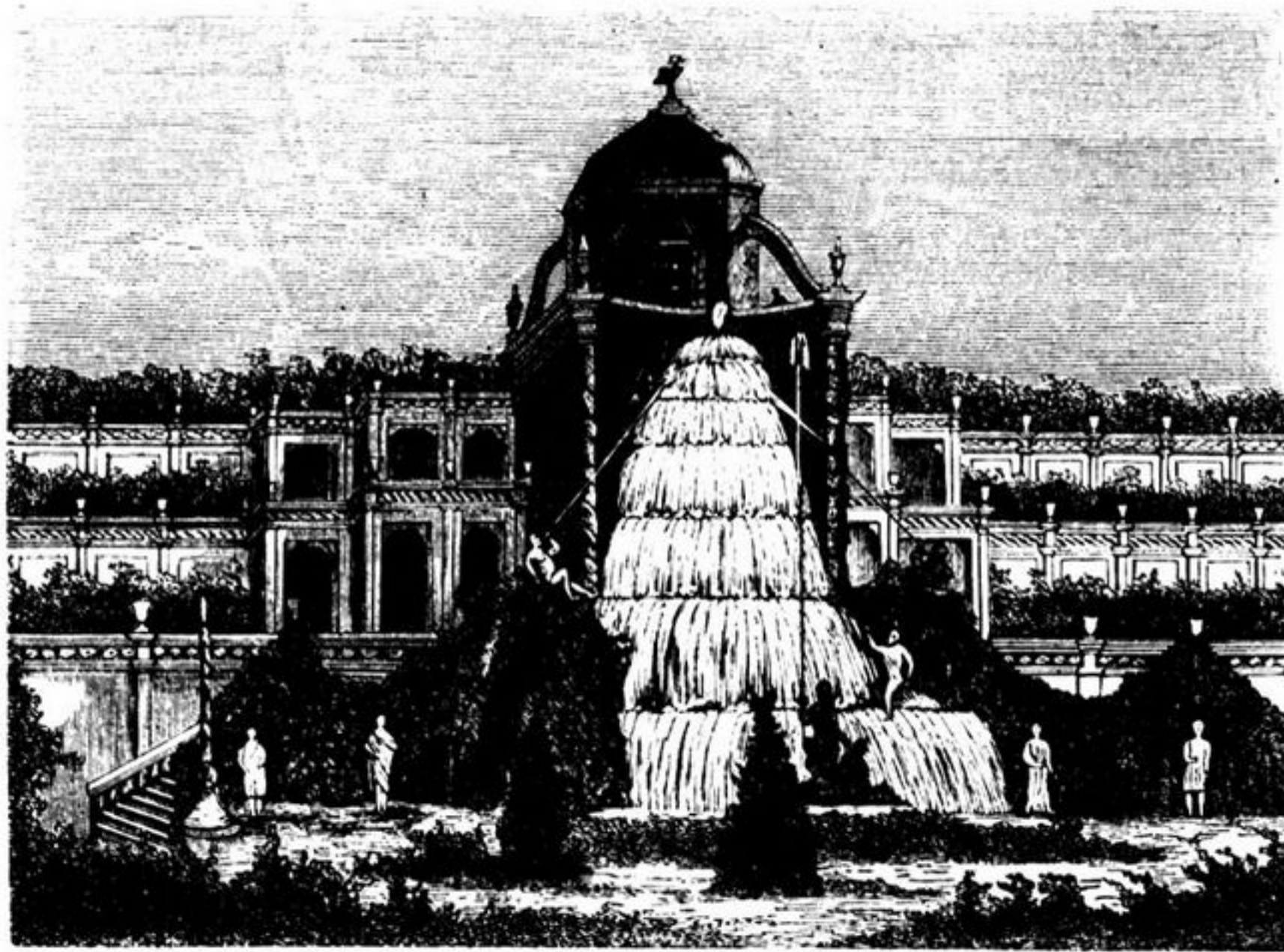
*

Minutos depois, o predio era preso das chammas, e o Quim salvo a custo d'entre a enorme fumarada que o suffocava.

CASCATA DA QUINTA REAL DE CAXIAS

Por um sarcasmo inexplicavel do acaso, a cabeça do *Senhor Mau*, despegada do corpo, sem olhos, sem coroa, e completamente carbonisada, foi achada entre uns escombros, por uns garotos que fizeram d'ella uma bola para jogar.

O Quim viu-a uma vez, rolando pela rua, e seguida por um cão vadio que a tomou nos dentes afilados e fortes, fazendo-a estalar impiedosamente; e, a cada estalo que a madeira dava sob a pressão das maxillas do molosso, elle recordava se d'aquelles outros estalos que lhe vibravam a carne e doiam, applicados por ordem do *Senhor Mau*.

Estava vingado.

ALFREDO GALLIS.

UM CONSELHO POR SEMANA

AGUA DE BAYADEIRAS

A agua de bayadeiras é um excellente cosmetico. Prepara-se da seguinte maneira:

Essencia de bergamota............	125	grammas
Essencia de limão..................	60	»
Essencia de flôr de laranja.........	30	»
Balsamo de Tolú pulverisado........	30	»
Essencia de alecrim...........	15	»
Essencia de rosas..................	20	»
Cochonilha, para dar côr............	15	»

Põe-se tudo de infusão, por espaço de dez dias, em 12 litros de alcool fraco, filtra-se depois e engarrafa-se

Aconselhamos ás nossas leitoras o uso d'este cosmetico, de preferencia a qualquer outro.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA